



Comercial de margarina: vista assim de fora, a família parece a mais feliz do mundo. Quem seria capaz de dizer o contrário?

capa

Tiffany's

Dinheiro na mão: satisfação ao alcance do cartão de crédito. Basta uma ida às compras para tornar alguém mais realizado?

Os filósofos epicuristas diziam que, para fruir intensamente a felicidade, era preciso escolher

Felicidade é limite

Não que Ana Lúcia não seja realmente feliz. À sua maneira, ela é (e a gente sempre é feliz de acordo com a nossa maneira). E, sim, ter uma folga financeira realmente ajuda. Mas, de acordo com pesquisas recentes, dinheiro sobrando só contribui para a felicidade até determinado ponto. Isto é, você pode ficar muito feliz por poder adquirir um iate, mas não vai ficar 15 vezes mais feliz se resolver comprar mais 15. A esse respeito, o senso de humor britânico inspirou uma curiosa pesquisa na Inglaterra. Uma emissora de rádio perguntou a seus ouvintes qual seria a quantia exata de dinheiro que tornaria uma pessoa feliz. Segundo os 5 mil ingleses que responderam a pergunta, a quantia exata é de 1,2 milhão de libras (1,4 milhão para as mulheres, que sempre gostam de comprar mais algumas coisinhas). Em nossa moeda, cerca de 5 milhões. Nada mal.

Mas o que essa pesquisa diz é muito importante: a multiplicidade dos objetos que nos causam felicidade não garante que sejamos mais felizes. Por isso é que existem ricos infelizes e pobres felizes. Mais: até a satisfação dos desejos tem um teto. Essa pode ser até outra lição sobre os caminhos que podem nos levar à felicidade. Não adianta acumular (ou ter) demais. Parece bobo, mas muita gente ainda escorrega nisso. É só perguntar para um colecionador de automóveis: até um determinado ponto, adquirir mais um carro para a coleção traz uma grande felicidade (que dura só até a próxima aquisição). Depois de determinado número, porém, a emoção e o prazer vão diminuindo. Só um carro excepcional, ra-

ro e difícil de se conseguir vai trazer um pouquinho da felicidade já sentida antes. Mesmo assim, o colecionador continua comprando compulsivamente, na vã esperança de que a felicidade possa ser tão intensa quanto nas primeiras vezes (onde se lê colecionadores de carros, leia-se também aqueles que gostam de colecionar qualquer outra coisa, como sensações, emoções ou... paixões).

A frugalidade dos desejos é o ponto básico dos filósofos epicuristas, por exemplo. Diferentemente do que se pensa hoje, eles não propunham uma orgia de prazeres sensuais, um hedonismo desenfreado. Afinal, eram gregos e sábios. O que diziam é que, para fruir verdadeira e intensamente a felicidade e o prazer, era preciso escolher. Portanto, "hay que saber seleccionar". E a lista do que realmente pode nos fazer felizes tem de ser bem restrita, pensada. Pelo simples motivo de que ninguém vai conseguir preencher todos os itens de uma lista quilométrica. Exigências demais atrapalham, desejos demais também. "Menos, menos", nos segreda a sabedoria grega (e certamente alguns namorados, ou namoradas, insatisfeitos com nossas cobranças).

Mais despojados ainda eram os filósofos estoicos. Eles também não sofriram estoicamente, como se acredita hoje, nem eram masoquistas. Os estoicos simplesmente diziam que para não sofrer, para não ser infeliz, é melhor não se ter nada. Danny, um dos melhores personagens do romancista americano John Steinbeck e protagonista do livro *Boêmios Errantes*, provavelmente era um estoico apaixonado e não sabia. Vagabundo e sem um tostão no bolso, de repente recebe a herança de uma casa, na verdade pouco mais que um ca-

sebre, de uma tia. Quando vai conhecer a nova habitação, vazia de móveis e cheia de poeira, percebe que foram deixados para trás dois vasos em cima da lareira. Imediatamente vai em direção a eles e, plá!, joga o primeiro vaso no chão. Depois se dirige ao outro e, plá!, estilhaça-o em mil pedaços. Raspa a garganta e em voz alta resmunga qualquer coisa como "assim ninguém vai chorar quando eles se quebrarem..." Muito difícil ser um verdadeiro estoico como Danny hoje em dia. E só consigo imaginar Clint Eastwood fazendo seu papel.

Felicidade é atitude

Ninguém precisa ser radical a ponto de abdicar de tudo o que tem. André Comte-Sponville, o inspirado pensador francês contemporâneo, acredita que, para ser feliz, é preciso estar no estado de desespero – não na idéia que conhecemos desse sentimento, mas no desespero (ou desesperança) de quem não espera mais nada, ou seja, de alguém que não sofre mais por não ter e está satisfeitíssimo com aquilo que tem. Não é o que acontece geralmente, convenhamos. Diz Sponville (no livro *A Felicidade, Desesperadamente*) que o desejo primordial do ser humano é justamente desejar tudo aquilo que não tem: o emprego dos sonhos, a pessoa amada, dinheiro... Nosso desejo de ser feliz está baseado na falta, dizia o filósofo holandês Spinoza, cujo pensamento Sponville analisa em seu livro. E, quando conseguimos realizar algum desses anseios, automaticamente surge outro desejo em seu lugar. "Há duas catástrofes na existência", dizia George Bernard Shaw: "A primeira é quando nossos desejos não são satisfeitos; a segunda é quando são".